



ARTES DO POVO

A ARTE É DE TODOS



S U M Á R I O

1

CRIAÇÃO DE BONECOS, MÁSCARAS,
OBJETOS, BRINQUEDOS, PINTURA,
ESCULTURA, BORDADOS, RENDA...

2

VIVA A CULTURA E A ARTE DO
POVO BRASILEIRO

6

CONVOCANDO OS ARTISTAS/ARTESÃOS

8

ORGANIZANDO UMA OFICINA COM
ARTISTAS DO POVO

10

ARTESANANDO

CRIAÇÃO DE BONECOS, MÁSCARAS, OBJETOS, BRINQUEDOS, PINTURAS, ESCULTURAS, BORDADOS, RENDAS...

“Ah! Eu não tenho jeito pra isso.” – É assim que a maioria reage quando o assunto é fazer Arte. Essa fala, muito freqüente, não revela apenas modéstia. Indica, também, a crença de que só pessoas muito especiais conseguem demonstrar o seu lado criativo. Na verdade, todo mundo, ao expressar seu jeito de ser, sentir e pensar, está criando. É o que acontece quando bordamos um pano de prato, costuramos uma colcha de retalhos, construímos um papagaio (ou pipa, ou raia), pintamos uma bicicleta com nossas cores e padrões preferidos, modelamos um pote... Coisas tão cotidianas que acabamos nem percebendo que também são arte.

Este caderno trata das artes que todo mundo faz. Dá exemplos do quanto é maravilhosa e diversa a cultura popular brasileira e aponta caminhos para que você, Amigo(a) da Escola, torne mais forte a presença de artistas/artesãos na escola e na comunidade.

Abaixo, os assuntos que serão tratados nas páginas seguintes. Veja quais capítulos mais o(a) interessam e comece por eles a sua leitura!



Capítulo 1: Viva a Cultura e a Arte do Povo Brasileiro! –

Saiba por que a **cultura popular**, que brota em toda a parte, é tão importante quanto a **cultura erudita**, ligada à escola, à universidade, aos livros... Confira alguns exemplos de manifestações da criatividade popular em nosso país.

Capítulo 2: Convocando os Artistas/Artesãos –

Sugestões de como identificar as pessoas que fazem arte/ artesanato popular na escola e na comunidade e convidá-las a mostrar/ensinar o que fazem.

Capítulo 3: Organizando uma Oficina com Artistas do Povo

– Algumas orientações bem práticas para fazer das oficinas de arte/artesanato momentos de grande aprendizagem, onde as pessoas, experimentando as mais variadas linguagens artísticas, possam criar, deixar fluir a fantasia, aguçar os sentidos, emocionar-se e construir novos significados, chegando sempre a produtos concretos.

Capítulo 4: Artesanando –

Aprenda a fazer e a ensinar o passo-a-passo da construção de máscaras, bonecos de pano, colchas de retalho, fantoches e muito mais.

VIVA A CULTURA E A ARTE DO POVO BRASILEIRO!

E lembre-se:

Quando lhe faltarem as palavras, fale por meio da arte! Como explica o poeta mato-grossense Manoel de Barros, onde a ciência falha, a Arte salva:

"A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos..."

A cultura brasileira é formada por muitas culturas. Não é única e sim diversa. Não é singular e sim plural. Alfredo Bosi, professor de Literatura da Universidade de São Paulo, explica essa questão, argumentando que, se cultura é o conjunto de modos de ser, pensar, falar e fazer (inclusive arte) de um determinado segmento social – e existem diferentes segmentos sociais no País –, cada um deles terá a sua cultura. Há culturas indígenas, africanas, asiáticas e européias convivendo no Brasil. Há uma cultura **erudita ou universitária**, centralizada no sistema educacional e principalmente nas universidades, e uma cultura **popular**, correspondendo aos costumes e formas de expressão das pessoas simples, com pouca escolaridade e pouco acesso aos livros (*Dialética da Colonização*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999).

Exemplos de manifestações da cultura erudita em nosso país são obras literárias de escritores como José de Alencar, Machado de Assis e Guimarães Rosa; pinturas e esculturas como as de Victor Meirelles, Portinari, Tarsila do Amaral, Aleijadinho, Victor Brecheret; músicas como as de Carlos Gomes e Villa-Lobos; obras de arquitetura como as de Oscar Niemeyer; realizações em diversos domínios científicos. Mas a cultura brasileira vai além e adquire milhares de outras formas. Carros alegóricos do Carnaval carioca, roupas dos palhaços de circo, bonecos do Carnaval de Olinda, cestos de buriti, toalhas de renda de bilro, bonecas de pano, miniaturas de ônibus feitas de

metal, bandeiras do Divino, moringas esculpidas, flores de papel, procissões, pastoris, congadas, cavalhadas e bumbas-meu-boi, folhetos de cordel – tudo isso e muito mais são exemplos das artes que o povo faz, expressando o seu jeito de ser, pensar, fazer e sentir, ou seja, a sua cultura.

Bosi explica que existe um intenso diálogo entre a cultura erudita e a cultura popular. Os criadores eruditos se inspiram na cultura e na arte do povo. Guimarães Rosa, por exemplo, só pôde escrever *Grandes Sertões: Veredas* por estar em contato direto com a criatividade dos homens e mulheres do interior de Minas. E o povo, por sua vez, se apropria das



manifestações da cultura erudita e as “traduz” em sua linguagem – um acontecimento da área da ciência e tecnologia, como a chegada do homem à Lua, pode ser transformado em enredo de escola de samba.

O conjunto de manifestações da cultura popular tradicional de um país é chamado de folclore. *Folklore* é um vocábulo anglo-saxão em que *folk* significa povo e *lore*, conhecimento tradicional. No Brasil, o campo do folclore inclui: **literatura oral** (contos, mitos e lendas que vão passando de pai para filho, enigmas, adivinhas, trava-línguas, cordel...); **brincadeiras infantis** (rondas, como a *Ciranda, cirandinha*; jogos como passa-anel, pula-carnaça, amarelinha, gude...);



festejos e diversões (jogos de capoeira e maculelê, pastoril, folias de Reis e do Divino, reisados, cheganças, cavalhadas, congadas, bumba-meu-boi, teatro de mamulengo, festas tradicionais como São João, Carnaval, Círio de Nazaré...); **crendices e superstições** (lobisomem, mula-sem-cabeça...); **música vocal e instrumental** (com instrumentos típicos como pífano, rabeca, viola de cocho; cantos de trabalho...); **usos e costumes** (modos de fazer doces, aguardentes e pratos tradicionais; rezas e benzimentos; rituais por

ocasião de colheita, nascimento, casamento ou morte; romarias, promessas, procissões para pedir chuva; rinhas de galo...); **linguagem** (apelidos, gírias, frases feitas como “comer o pão que o diabo amassou” ou “tirar o cavalo da chuva”); **artes e técnicas** (pintura, escultura, confecção de objetos utilitários e brinquedos, rendas e bordados; decoração doméstica; adornos pessoais; vestimentas típicas – como baiana, vaqueiro, gaúcho... –, técnicas de construção). Vamos agora conhecer mais de perto esse vasto universo das artes do povo.

FALANDO SOBRE ARTES E TÉCNICAS POPULARES

Objetos utilitários ou artísticos?

Madeira, pedra, argila, papel, papelão, plástico, pano, vime, bambu, palha, arame são materiais com os quais é possível construir “coisas” novas, criar. Reciclar materiais e utilizar os recursos da região podem ser motivos para mobilizar a comunidade, integrá-la à escola, como também para possibilitar às crianças e jovens uma aprendizagem saudável e crítica em relação ao meio ambiente. Os produtos podem ser brinquedos, objetos utilitários, ornamentos etc. É possível que surja a dúvida:



um objeto utilitário é também um objeto artístico?

Talvez não precisemos ser tão rigorosos com essas demarcações. Transformar materiais usando as mãos, a cabeça e o coração é o que determina a qualidade da experiência. Os antigos gregos faziam vasos de argila para guardar água, vinho, óleo e grãos e ornamentavam os objetos, pintando-os com animais, cenas familiares ou lendárias. Pablo Picasso, o espanhol que revolucionou a forma de fazer arte no século XX, inspirando-se no povo grego, fez um prato de argila e pintou-o. Arte ou artesanato?

Esse exemplo indica que não é tão simples classificar um objeto só como objeto de arte ou só como objeto utilitário. Artesanato, arte popular, qualquer que seja o nome dado, essas qualificações, necessariamente, não diminuem a importância de produções por meio das quais as pessoas dizem o que querem dizer, vivem os seus sonhos.

Nas representações plásticas brasileiras está configurada a realidade vivida pelo povo.

Tais representações são muito diversificadas em seus aspectos culturais e regionais. Os recursos naturais, materiais, as influências de povos que ali viveram ou vivem, os símbolos ancestrais determinam a variedade e a riqueza de todas essas manifestações.

Arte realista e arte religiosa

Podemos classificar em dois grupos temáticos as realizações dos pintores e escultores populares. A arte realista ou figurativa retrata cenas presenciadas no dia-a-dia – uma família jantando, um médico consultando, cenas clássicas como a dos retirantes fugindo da seca, figurações de festejos. Na escultura com argila, Mestres Vitalino, Adalton e Antonio de Oliveira apresentam grande produção desse cotidiano social. Passeando pela feira de Caruaru, já podemos ver, modelados nas cerâmicas, até profissionais digitando em computadores.



A religião é outro tema bastante presente na produção brasileira: imagens de santos em barro ou madeira, a arte humilde dos cemitérios, presépios, os objetos usados nas procissões, ex-votos, passagens bíblicas, religiões africanas e seu sincretismo com a tradição católica e muito mais.



Arte imaginária ou incomum

O outro grupo temático é a arte imaginária ou incomum. O artista que se dedica a esse tipo de produção cria seu universo singular, centrando-se em uma temática subjetiva ou irreal, de forte expressividade.

As carrancas dos barcos do rio São Francisco são um exemplo disso. Dentre as obras-primas desse gênero, destacam-se as do Mestre Biquiba Guarany. Deixou ensinamentos a seu discípulo Agnaldo Manoel dos Santos:

“Na figura, tudo que está de um lado deve estar do outro, e tudo o que está por cima deve ser diferente do que fica por baixo. A figura deve ter um olhar para um ponto que ninguém sabe o que é, nem onde está. A boca deve olhar para quem aprecia... A carranca bem feita é aquela que, quando é vista no espelho das águas, se mexe como coisa viva.”



CONVOCANDO OS ARTISTAS/ARTESÃOS

Se você quiser conquistar outras pessoas da escola e da comunidade para atuar como “Amigos da Escola”, difundindo a nossa cultura popular, aqui está uma estratégia em três movimentos : “aquecimento”, pesquisa de campo e convite. Confira!

“Aquecimento”

Forme um pequeno grupo com crianças e jovens interessados e converse com eles sobre as diferentes expressões da cultura e da arte populares. Se possível, promova uma sessão de vídeo com o filme *Central do Brasil*, mostrando festejos e costumes do interior do nosso país.

Você e esse grupo inicial podem procurar, na biblioteca, jornais antigos, almanaques, publicações, documentos, com informações sobre as manifestações locais de arte e folclore. Uma entrevista com o Secretário da Cultura do Município ou com alguém de sua equipe poderá ajudar.

Se em sua cidade houver faculdade de História, Sociologia, Antropologia, convide professores ou estudantes das áreas para conversar com o grupo sobre cultura popular brasileira. Solicite materiais emprestados, tais como filmes, livros...

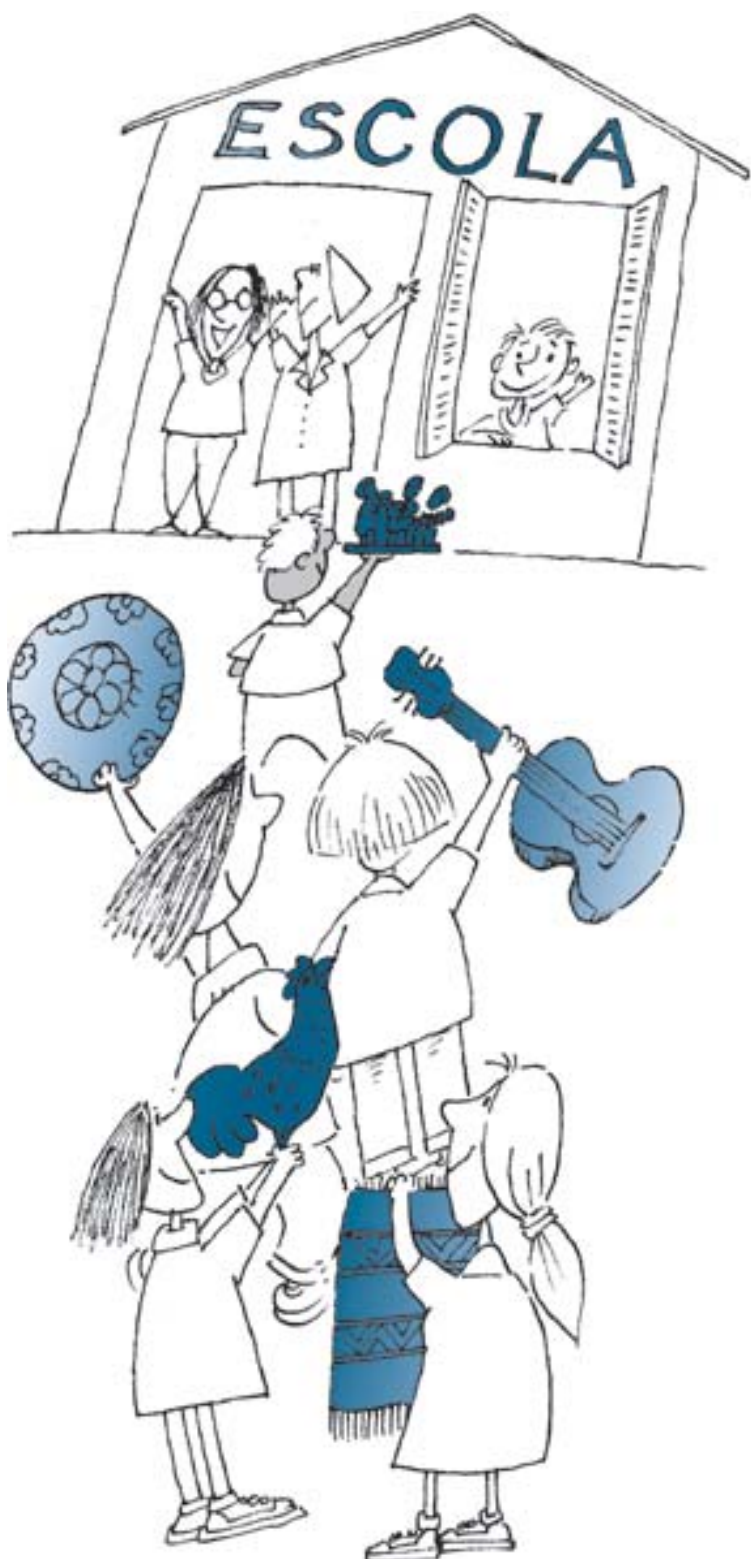
Pesquisa de campo e registro das observações

Depois dessa sensibilização, convide os membros do grupo a pesquisar em diferentes locais, para identificar quais são as manifestações artísticas presentes na comunidade e quem são as pessoas que as produzem. O roteiro abaixo pode ajudar:

- **Escola e residência** – Nesses dois locais, é preciso observar: Quais são os objetos artesanais? Como foram obtidos? Alguém da escola ou da família os produziu? De que material são feitos? Há quem saiba fazer um prato, doce ou bebida típicos da região? Há quem conheça ervas, rezas e saiba “benzer”?
- **Feira ou mercado** – Qual é o artesanato característico da região? Quem faz esse artesanato? Quais fatores locais ou regionais determinam os recursos materiais e a temática do artista? Quais as ferramentas de trabalho?

- **Casas comerciais** – Há paredes pintadas por pintores da cidade, em bares e padarias? (Em geral, são pinturas de cores fortes, com motivos florais, religiosos ou outros.) Há ditos populares ou recados irônicos sobre comprar fiado?
- **Festejos e celebrações** – Quais são as festas realizadas na comunidade? São religiosas ou profanas? Quem são as bordadeiras e costureiras que fazem ou faziam as roupas, estandartes, máscaras para as festas da comunidade, os músicos e fazedores de instrumentos, os artistas anônimos que participam dos eventos, mas que não fazem de seu ofício profissão?





- **Jogos, brincadeiras, superstições** – Há pessoas idosas (ou nem tanto), que saibam contar sobre folguedos e brinquedos da infância, as histórias que gostavam de ouvir, as festas de rua, as coisas proibidas, as coleções que faziam, as crenças, as promessas, as assombrações temidas...?

Oriente os participantes a registrar suas observações por meio de anotações, desenhos, fotos, gravações, filmes (a forma de registro depende dos recursos disponíveis). É muito importante que, ao final, você tenha uma lista com os nomes e endereços das pessoas que vão ser convidadas a se tornar Amigas da Escola, ensinando o que sabem e fazem às crianças e jovens da escola e da comunidade.

Convite e planejamento

De posse dessa lista, convide todos para uma reunião, onde você irá explicar por que é um(a) Amigo(a) da Escola e “seduzi-los” a juntar-se a você. A próxima etapa será planejar as oficinas e cursos que cada um poderá dar na escola.

ORGANIZANDO UMA OFICINA COM ARTISTAS DO POVO

Depois de localizados e convidados os artistas/artesãos da comunidade, muitas coisas podem acontecer. Pode ser que, logo ao primeiro chamado, vários atendam: uma senhora que borda panos de prato, outra que sabe fazer doces e licores típicos, um moço que sabe construir caminhôezinhos de madeira, um outro que modela potes de barro, um professor da escola que constrói pipas (ou papagaios de papel) como ninguém, uma mãe de aluno que faz bonecas de pano, uma pessoa da equipe operacional que conhece montes de cantigas de roda e brincadeiras tradicionais. Mas pode ser que compareçam apenas uma ou duas pessoas... De qualquer forma, quem aceitar o desafio de ser um(a) Amigo(a) da Escola vai ter de pensar num jeito eficaz de compartilhar o seu saber com as crianças e jovens. Organizar oficinas pode ser uma ótima oportunidade de transformar os encontros entre artista/artesão e o grupo de interessados em experiências vivas de criação. As orientações abaixo podem ajudar o coordenador de cada oficina:



- Verifique com antecedência com a direção da escola o local onde será realizada a oficina e o número de crianças, jovens e adultos inscritos. Planeje a utilização do espaço de acordo com as atividades que serão desenvolvidas. A movimentação espontânea dos participantes pode contribuir para um clima agradável de trabalho.
- Providencie os materiais necessários para a realização da oficina, ou informe as pessoas que se inscreveram, por meio de cartazes e avisos distribuídos com antecedência, sobre o tipo e quantidade de materiais que devem trazer para a primeira oficina.
- Organize os materiais, separe-os de acordo com critérios que considerar melhor para cada atividade – por forma, cor, tamanho –, de tal maneira que se tornem facilmente acessíveis aos participantes. A organização pode facilitar a pesquisa e a escolha dos materiais. Essa atitude ajuda o aprendiz a perceber a importância da atividade organizada.
- Combine regras para a utilização do espaço e do material junto com as crianças e jovens; eleja responsáveis para tarefas, a fim de que todos tenham seus direitos garantidos e saibam com clareza quais são os seus deveres. Essa atitude favorece a aprendizagem de valores, como responsabilidade e respeito mútuo, e também ajuda a preservar o espaço e os materiais. (Se quiser aprofundar esse tema, leia o volume 8 dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética).



- Sempre que começar a oficina, faça uma roda de conversa e/ou jogo com o objetivo de promover situações favoráveis à comunicação, à criação e à socialização. Contar casos, histórias reais ou fictícias, cantar, brincar, resolver problemas do cotidiano... são experiências enriquecedoras. Ao final, repita a roda para avaliar com o grupo o que deu certo, o que não funcionou e deve ser mudado e o que nunca mais deve ser repetido.
- Tire fotografias dos trabalhos que resultarem das oficinas e vá organizando um álbum para que fiquem registrados. Será o acervo de memórias do grupo.
- Faça exposições temporárias com os trabalhos produzidos nas oficinas. Ajude-os a criar os convites e organizar a divulgação.

Mãos à obra! Como já dizia o poeta, “Quem sabe faz a hora não espera acontecer”. Ou, como diz o provérbio popular, “Quem não arrisca não petisca”.

ARTESANANDO

Cada artista/artesão que se dispuser a trabalhar com as crianças, jovens e adultos da escola já vai chegar trazendo na mochila os seus saberes e seu jeito muito próprio de fazer as coisas. É esse repertório que irá compartilhar durante as oficinas. As atividades que sugerimos abaixo são apenas algumas dentre milhares de possibilidades. A técnica – o passo-a-passo – de cada uma delas também pode ser diferente, de acordo com o estilo de cada artista/artesão.

MÁSCARAS

Objetivo: Com sacos de papel, criar máscaras representando vários personagens, conhecendo assim as expressões faciais que representam diferentes emoções (alegria, tristeza, rancor).

Material: Folhas grandes de papel branco ou pardo, giz de cera, sacos de papel que caibam na cabeça, retalhos de papel, retalhos de pano, aparas de madeira, fios, linhas, palha, cola, tesoura, tintas coloridas (guache) e pincéis. Se possível, providencie um espelho grande.

Preparação:

Lembre aos participantes que as máscaras surgiram em antigas civilizações e eram peças fundamentais para celebrações e rituais mágicos e religiosos. Gregos, romanos e povos orientais usavam-nas no teatro. No Brasil, tanto os índios quanto os negros que vieram da África também as utilizavam em seus rituais.

Ao vestirmos uma máscara – como acontece tantas vezes no Carnaval –, transformamos em outro personagem. Isso nos autoriza a viver outras histórias. Escondidos nas máscaras, estamos mais libertos para viver amplamente o que somos de verdade.



Execução:

Primeira Parte

- Os participantes devem estar sentados, em roda.
- Coloque no meio da roda uma folha de papel grande, pincéis, potes de tinta guache, cola e retalhos.
- Desenhe nesse papel uma linha dando forma a um contorno de rosto bem grande.
- Chame os participantes, um de cada vez, para que continuem o trabalho, dando sua contribuição para criar a “cara” do personagem.
- Cada pessoa irá acrescentar elementos ao rosto, usando desenho, pintura ou colagem.
- Quando o personagem for aparecendo, vale tudo: é hora de inventar, de observar, sorrir, rir ou gargalhar. O resultado pode ser uma figura engraçada, monstruosa... ou nada disso.

Segunda Parte

- Dê a cada participante um saco de papel para fazer a sua máscara.
- Peça que vistam o saco na cabeça, marquem o lugar dos olhos e o retirem da cabeça.



- Os participantes irão recortar o local dos olhos.
- Pintando com giz de cera e guache, colando retalhos de papel, de pano, aparas de madeira, fios, linhas e palha, cada um irá delimitar olhos, nariz, boca, orelhas e cabelo do personagem e criar a sua máscara de saco de papel. É hora de olhar, mexer, sentir, experimentar os materiais.
- Avise para que não coloquem materiais que pesem demais. Auxilie nos acabamentos.



Terceira Parte

- Proponha aos participantes que vistam as máscaras. É um momento interessante para que se olhem no espelho. Como se sentem usando essa máscara? Como percebem os outros?
- Peça que cada um fale sobre o personagem que representou em sua máscara. Estimule a imaginação perguntando, por exemplo: *Quem é o seu personagem? Quais são seus poderes? Interferem no cotidiano das pessoas? Fazem milagres? Transformam a natureza? Os homens? Descreva um episódio enfrentado por ele.*
- Sugira ao grupo que se divida em duplas usando as máscaras para criar um diálogo entre os dois

personagens. Desafie as duplas a, em cinco minutos, desenvolver um episódio com começo, meio e fim.

- Cada dupla irá encenar o seu episódio para os demais. As histórias podem ser registradas, gravadas em fita cassete. É uma boa oportunidade de se exercitar para começar a escrever peças teatrais.

Atenção!

Essas máscaras também podem ser feitas com pratos de papelão, caixas de sapato, cartolinas, papel cartão recortados e outros tantos materiais e técnicas.



BONECOS DE PANO

Objetivos: Construir bonecos de pano com temática surrealista; conhecer as lendas e mitos de nosso folclore; expressar desejos e temores, criando as próprias lendas e mitos.

Material: Folhas de papel do mesmo tamanho de pedaços de pano de cor lisa, medindo em torno de 30 cm x 40 cm – sacos de farinha são ótimos. Lápis grafite, lápis de cor, cordas, barbante, sisal, pedaços de linhas coloridas, lantejoulas, botões, peças de relógio em desuso, agulhas para costurar, varas de bambu ou madeira para segurar os bonecos, material de enchimento (meias velhas, espuma, paina, papel picado etc.).

Preparação:

Comente com o grupo que as lendas e mitos fazem parte do imaginário dos povos. É uma forma poética de explicar certos fenômenos. Pergunte aos participantes quem conhece e pode contar lendas do folclore brasileiro, como a do *Boitatá*, cobra de fogo protetora da natureza, que mata aqueles que queimam os campos sem necessidade; a do *Curupira*, anão cabeludo e de pés virados para trás, protetor das matas; a do *Lobisomem*, mito universal que é um homem que se transforma em lobo nas noites de lua cheia e ataca

aqueles que cruzam o seu caminho; a da *Mãe-d'Água*, metade mulher, metade peixe, que costuma atrair homens com seu canto e puxá-los para o fundo das águas, onde habita. (Previna-se com livros que contenham essas lendas, de preferência ilustrados, da biblioteca da escola ou da cidade. Se ninguém tiver “causos” para contar, você poderá fazê-lo.)

Execução:

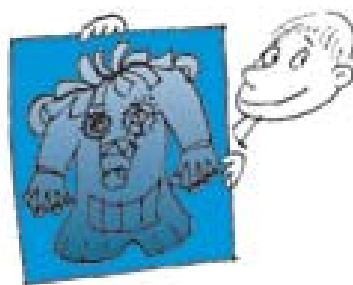
Primeira Parte

- Depois da sessão de histórias, distribua um pedaço de papel grande para cada participante.



- Oriente para que desenhem – a lápis e utilizando apenas uma linha no papel – o contorno de um bicho fantástico.

- Peça que preencham o interior do contorno com desenhos e cores.
- Cada um inventa um nome para o seu bicho e apresenta para os colegas. “— *Esse é o Broncolipo. A função dele é...*”



Segunda Parte

- Ofereça a cada participante dois pedaços de pano grandes, do mesmo tamanho, de cor lisa.



Surrealismo

É um dos movimentos artísticos do começo do século XX que elege o sonho como matriz de toda a criação e faz da desfiguração das formas e da expressão o seu modo de subverter a racionalidade do mundo real.

- Os participantes irão reproduzir o contorno que está no papel em um dos panos.



- Deverão colocar o pedaço de pano com o contorno sobre o outro pano, seguindo o contorno e deixando uma abertura para introduzir o material de enchimento.



- Peça que recheiem o boneco com meias velhas, espuma, papel picado ou outros materiais disponíveis e bons para essa finalidade.



- O próximo passo é introduzir o bastão de bambu ou madeira na abertura por onde se fez o enchimento deixando uma parte para fora. É preciso costurar em volta, de forma que fique bem firme. Ensine como costurar e arrematar, peça para os que sabem ajudarem os que ainda não sabem.



- Depois que o corpo do bicho estiver montado, incentive a ornamentação. Para fazer olhos, focinho, escamas, asas, patas, garras ou tromba do bicho, podem ser costurados ou colados cordas, barbante, sisal, pedaços de linhas coloridas, lantejoulas, botões, peças de relógio quebrado, pequenos objetos de metal, clipes, espiral de cadernos, tocos de lápis, pedrinhas, retalhos... tudo vale.

Enquanto os participantes costuram, converse sobre a divisão das atividades consideradas femininas e masculinas pelo grupo social. Por exemplo, em alguns grupos, “cozinhar e costurar cabem à mulher”. Será que ainda existe esse preconceito em sua localidade? Crenças e costumes variam conforme a época e os lugares.

Terceira Parte

- Depois de confeccionados os bichos fantásticos, cada um irá inventar uma lenda sobre ele: *Quando é que aparece? É protetor? Anuncia acontecimentos? Como se diverte? O que adora comer? Interfere nos sonhos das pessoas? Como é o seu nome? Onde vive? Como nasceu?...*
- Fotografe todos os trabalhos.
- Peça que cada um escreva a lenda do seu bicho. Junte todas as histórias e você terá um livro: “Biografia dos bichos sobrenaturais”. As fotos de cada bicho vão servir de ilustração.

MOSAICO DE PANOS OU PAINEL COM APLICAÇÃO

Objetivos: A partir de retalhos coloridos, criar um mosaico de panos ou painel com aplicações; exercitar as habilidades de dialogar, ouvir e respeitar a opinião alheia e tomar decisões em conjunto.

Material: Pedacos de pano grandes de cor lisa para servir de fundo; retalhos de cores lisas, estampados, rendados, de tamanhos e texturas variados, brilhantes e opacos, finos e grossos; agulhas, fios, lãs, cordas, sisal, barbante, linhas, tesoura.

Preparação:

Converse com o grupo destacando que panos ornamentados fazem parte das vestimentas usadas nas danças, nas festas religiosas, no Carnaval, no circo, nas toalhas de mesa das casas... Se possível, mostre fotos e ilustrações ou mesmo trabalhos já prontos que sejam bons exemplos dessa forma de arte.

Explique que o **mosaico de panos** é uma combinação de retalhos, cortados em tamanhos aproximadamente iguais, costurados um ao lado do outro, sem espaços vazios entre eles. Serve para os que querem explorar mais as formas.



Já o **painel de aplicação** pode ser geométrico ou figurativo. Os retalhos são aplicados ou costurados sobre um pano de fundo, formando figuras abstratas ou representando seres da natureza. Fazer um painel abordando uma temática é muito interessante.



Execução:

- Organize grupos de quatro pessoas. É um número que propicia a participação de todos. Cada grupo discute e escolhe entre fazer o mosaico de panos ou o painel de aplicação. Em seguida, juntos, escolhem os materiais.
- Chame a atenção para as qualidades dos tecidos, valorizando suas características. Por exemplo, panos finos e moles podem ser amontoados. Mostre que outros materiais podem ser acrescentados ou pendurados: raízes, flores secas etc.

- Alerta os grupos para aproveitarem a oportunidade e exercitarem a aprendizagem do conviver, trocando idéias, concedendo, negociando interesses, sem tentar submeter ou humilhar o outro. A opinião de todos deve ser ouvida e será preciso negociar para chegar a decisões como: Que tipo de pano usar aqui? Que cor combina melhor com essa? Como cortar? Como costurar? O que acrescentar? O que modificar?
- Exponha o produto final da atividade: panos grandes, ornamentados, que servem para enfeitar a parede e também podem ser usados como mantas para cobrir sofás ou mesas, cortinas para separar os bastidores do palco ou ornamentos para representações.

Atenção!

Procure conhecer as costureiras do local e convide-as para que participem da atividade. Solicite que façam um acabamento nas bordas dos panos e que os preparem para que possam ser pendurados como cortinas.

FANTOCHE OU MARIONETE DE PAPEL MACHÊ

Objetivo: Construir fantoche (marionete) com papel machê.

Material: Jornal, fita crepe, cola branca diluída em água, lixa fina, tinta branca, tinta preta, tintas coloridas, pincéis, uma vareta com cerca de 40 cm de comprimento, barbante fino, cola forte, verniz transparente, restos de tecido cortados em tiras, linhas, agulhas.

Preparação:

Conte aos participantes uma história popular de que você goste, cheia de personagens interessantes e aventuras*. Pode ser uma história de cordel, um mito de alguma nação indígena, uma lenda ou um conto de fadas. Depois convide cada participante a escolher o personagem que mais o(a) fascinou. Desafie o grupo a representar esses personagens construindo fantoches ou marionetes, também chamados de bonecos-vara.

* Dica: O livro *Contos Tradicionais do Brasil* (Ed. Global, 2001), de Luís da Câmara Cascudo, o maior especialista brasileiro em cultura popular e folclore, traz histórias que refletem as influências européias, indígenas e africanas, e, segundo o crítico Leo Gilson Ribeiro, mostram "a graça da inventividade brasileira, de norte a sul".

Execução:

Ofereça com calma as instruções aos participantes, dando tempo para que executem cada passo, antes de dar a orientação seguinte.

Primeira Parte

- Verifique se todo o material necessário nessa etapa está a seu alcance: várias páginas duplas de jornal, fita crepe, uma tigela ou lata com cola branca diluída em água.

cruz de varetinhas será colada no lado de dentro desse pescoço).



- Rasgue tiras de jornais e, uma a uma, ensope-as na cola branca diluída. Cubra a cabeça da marionete com quatro camadas de tiras molhadas. Cuide para que não fiquem pontas descoladas.
- Faça as formas do rosto (olhos, nariz, boca, orelhas) espremendo tirinhas de jornal ensopadas de cola até virarem bolinhas e colando-as no lugar.



- Para fazer a cabeça da marionete, amasse uma página dupla de jornal, fazendo uma bola. Depois cubra a bola com fita crepe, esculpindo-a na forma desejada. Não se esqueça de dar um pescoço ao boneco (uma



- Passe duas camadas de tiras curtas de jornal sobre olhos, nariz e boca da marionete.
- Deixe a cabeça secar por aproximadamente um dia.

Segunda Parte

- Confira se os materiais dos quais vai precisar agora estão disponíveis: lixa fina, tinta branca, tinta preta, tintas coloridas, pincéis, uma vareta com cerca de 40 cm de comprimento, barbante fino, cola forte, verniz transparente, restos de tecido cortados em tiras, linhas, agulhas.

- Pegue a cabeça do fantoche e alise-a de leve com uma lixa fina.
- Pinte a cabeça com duas demãos de tinta branca.
- Quando a tinta estiver seca, desenhe as formas do rosto da marionete e enfeite a cabeça com tintas coloridas. É possível acrescentar detalhes com a tinta preta ou usá-la para dar contorno com um pincel bem fino.
- Novamente deixe secar. Recubra-a com duas demãos de verniz transparente para dar brilho.
- Pegue a vareta de 40 cm e quebre-a em dois pedaços: um com 10 cm e outro com

30 cm de comprimento. Coloque a varetinha menor sobre a maior formando uma cruz e amarre.



- Faça um orifício no pescoço da marionete e cole a vareta.



- Corte tiras de tecido com cerca de 3 cm de largura, compridas o suficiente para esconderem as varetinhas.

- Amarre as tiras ao longo da varetinha transversal para formar os braços do boneco.



- Se quiser, envolva em tecido o pescoço da marionete, para esconder os pontos em que ele se junta à vareta. As tiras de pano podem ser estampadas ou de cores lisas, para serem ornamentadas.

Terceira Parte

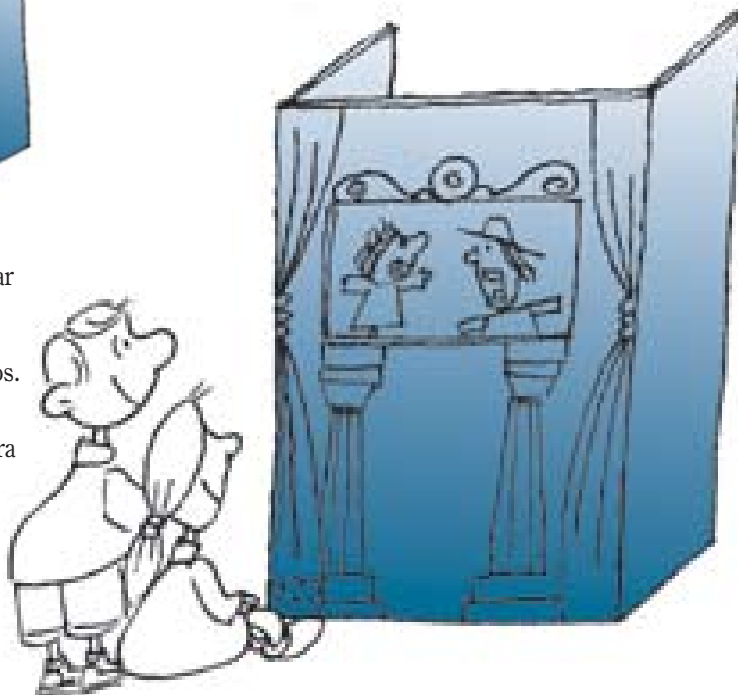
- Divida os participantes em grupos de dois ou três e peça que, usando os fantoches, criem histórias para serem encenadas.
- Promova apresentações de marionetes para crianças da comunidade, para os pais... Vai ser preciso um palco. Vocês podem construí-lo usando uma velha caixa de geladeira (veja como, na atividade seguinte).

PALCO-BIOMBO



Objetivo: Transformar uma caixa de papelão em um palco-biombo para teatro de bonecos.

Material: Caixa de papelão (a de geladeira é ótima), serra de madeira, tintas, pincéis, cola, papéis coloridos.



Execução:

- Serrando a caixa, ajude os participantes a deixá-la com apenas três faces. Isso se consegue eliminando as faces superior, inferior e uma das faces maiores; obtém-se assim um retângulo em forma de U.
- Na face central, marque o tamanho e o local da janela, para que seja cortada. Verifique a altura ideal de acordo com o tamanho médio da turma.



- Converse com os participantes para que planejem a ornamentação do palco-biombo. Deixe surgirem as idéias e depois coordene as escolhas e a distribuição dos desenhos, pinturas, colagens... Há mil possibilidades. Lembre-os de que a ornamentação não deve ser excessiva, a ponto de "poluir" o visual dos bonecos. Esses precisam ficar ressaltados.



fotografem cenas que acharem interessantes – crianças, jovens, velhos.

Depois disso, poderão escolher uma das cenas que registraram, para esculpir na argila.

Execução:

Primeira Parte

- Distribua um bloco de argila para cada participante.
- Convide-os a explorar o material e, ao mesmo tempo, preparar a argila para ser usada, amassando-a bem até que fique macia. A argila deve estar suficientemente úmida – assim é possível amassar, esticar, comprimir, sentindo e dando forma ao material.
- Com o desenho ou a fotografia da cena que se vai representar do lado, cada participante irá tentar modelar no barro os personagens que a compõem.

CENA DO COTIDIANO EM ARGILA



cotidiano: seus hábitos, o que gostam de fazer, como é seu descanso em casa, como comem... Motive-os a observar as cenas do dia-a-dia, pensando em representá-las usando bonecos de argila.

Para melhor inspirar a turma, passeie com eles pelas ruas, lojas, praças, bares, para que observem, desenhem ou

Objetivos: Estimular a observação crítica da realidade local; modelar com argila uma cena do cotidiano.

Material: Argila, facas, palitos, tinta branca, tintas coloridas, pincéis.

Preparação:

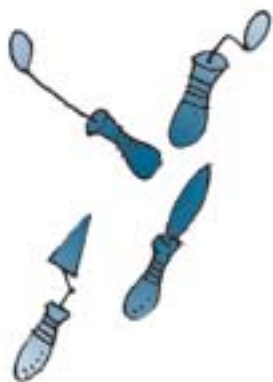
Se possível, mostre em livros, vídeos e museus obras que retratam cenas do cotidiano.

Puxe conversa com os participantes, fazendo perguntas sobre o seu





- Para fazer os bonequinhos de argila, oriente os participantes a, partindo de um bloco de argila, ir acrescentando mais barro ou esvaziando (tirando barro do interior de um bloco) com o auxílio de facas ou palitos (existem instrumentos especiais para trabalhar com argila – uns pauzinhos com arames de diferentes formatos no topo, chamados *estecas*).



- Outra alternativa é compor cada peça juntando pedaços em forma de placas ou rolos.



- Outra possibilidade ainda é fazer placas de argila, sobre as quais é possível desenhar, esculpir ou acrescentar elementos.



- Acompanhe a execução das cenas em argila, orientando os participantes, sugerindo, incentivando.

Segunda Parte

- Depois de prontos, os trabalhos devem ficar secando por dois dias. (A argila que restou da atividade precisa ser envolvida em plástico muito bem fechado, sem nenhum furinho, para ser guardada e não secar.)
- Estando secos, os trabalhos poderão ser levados a fornos especiais de temperatura muito elevada, para a argila se transformar em cerâmica.

Terceira Parte

- Prontas e secas e/ou queimadas, as peças podem ser pintadas com tintas brancas e coloridas.
- Deixe secar de novo e organize uma exposição dos trabalhos e um debate a respeito deles. Que cenas foram representadas? Expressam ações/valores positivos ou negativos? Por quê?

EXPRESSÕES DA CULTURA POPULAR REGIONAL

Objetivo: Conhecer as principais manifestações da cultura das diferentes regiões do País.

Material: Mapa do Brasil ilustrado (anexo a este conjunto de publicações), com suas regiões demarcadas, contendo informações e ilustrações das principais danças e folguedos da nossa cultura popular.

Preparação:

Comentar com os participantes que as manifestações estão classificadas por regiões geográficas apenas por uma questão didática, para facilitar a sua apreensão e visualização no território brasileiro. Na realidade, as coisas não são nem um pouco rígidas. Não se pode dizer (conforme normalmente se afirma) que o Bumba-meu-Boi seja um folguedo “típico” das regiões Norte e Nordeste, pois manifestações que apresentam a figura do *boi* são realizadas em praticamente todo o território brasileiro, com nomes e estruturas diferentes, em épocas também distintas.

E não existem regiões “mais ricas” ou “mais pobres de folclore”. O que há são regiões onde o folclore é mais conhecido e divulgado.

Execução:

Primeira Parte

- Convide os participantes a observar o mapa e a identificar as várias regiões do Brasil. Pergunte quais estados eles já conhecem e, se possível, organize grupos que já moraram ou visitaram os mesmos lugares.
- Peça para quem já viveu em determinada região que observe o desenho da manifestação popular selecionada para ilustrar o mapa. Por exemplo, o Pastoril, no Nordeste.
- Pergunte a esse grupinho se teve oportunidade de participar dessa brincadeira.
- Pergunte a pessoas de outras regiões se já ouviram falar ou participaram do Pastoril.

Segunda Parte

- Divida os participantes em cinco grupos e cada um irá escolher uma região sobre a qual gostaria de pesquisar.
- Organize com os grupinhos um roteiro que possibilite conhecer músicas, danças, artes visuais, artesanato, comidas, tradições.

- Dê um tempo (cinco a dez dias) para que cada equipe colete materiais, tais como gravações das músicas folclóricas, receitas culinárias, fotografias, vídeos, poesias, bem como contate pessoas que possam ensinar, por exemplo, alguma dança ou a confecção de vestimentas típicas.
- ✓ Peça para que as equipes colecionem selos referentes a artistas e a manifestações artísticas e culturais de cada região.

Terceira Parte

- Reserve um dia para cada região, quando a equipe responsável fará a exposição do material coletado e a apresentação das músicas e danças.
- Os selos coletados serão colados em um mapa do Brasil em branco, apenas com as divisões por Estado (cada selo na região que representa).
- Convide todo mundo da escola e da comunidade para participar do evento.

“...O artesão articula o passado (conhecimento), presente (necessidades) e futuro (projetos)...”

ANTONIO ARANTES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, Nelson (Org.)/Fundação Bienal de São Paulo. Catálogos da Mostra do Redescobrimto. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.
- BANK JENSEN, Thea. *Artesanato para crianças*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre Arte*. São Paulo: Ática, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore?* São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC, 1996.
- CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Guia de ações complementares à escola para crianças e adolescentes. São Paulo: Cenpec, 1998.
- CLÉRO, Claude. *As atividades plásticas na escola e no lazer*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- JACKSON, Paul, A´COURT, Angela. Origami e artesanato em papel. Porto Alegre: Edelbra, 1996.
- MACHADO, Alvaro (Coord.).Catálogo da Oficina de arte popular brasileira realizada no SESC Belenzinho de São Paulo, em agosto de 2000, com os participantes do Programa de Artesanato e Geração de Renda do Conselho da Comunidade Solidária. Mestres-Artesãos.

A ARTE É DE TODOS

AMIGOS DA ESCOLA

Realização

Um projeto Rede Globo
Diretoria de Projetos Sociais
Central Globo de Comunicação

Elaboração



CENPEC

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária

Direção-presidência	Maria Alice Setubal
Coordenação Geral	Maria do Carmo Brant de Carvalho
Coordenação Técnica	Isa Maria F. R. Guará
Coordenação de Projeto	Alice Lanalice
Comitê Editorial	Jorge Miguel Marinho Sônia Madi
Consultoria em Cultura Popular	Alberto T. Ikeda
Consultoria Pedagógica e Edição	Madza Ednir (CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular,RJ)
Textos Originais	
<i>Com vocês: As Artes</i>	Sônia Madi
<i>Artes da palavra</i>	Jorge Miguel Marinho
<i>Artes da luz</i>	Maria Terezinha T. Guerra
<i>Artes do som</i>	Marisa Trench O. Fonterrada
<i>Artes da representação</i>	Alexandre Luiz Mate
<i>Artes do festejar e brincar</i>	Iveta Maria B. Á. Fernandes
<i>Artes do povo</i>	Tônia B. Frochtengarten
Revisão	Sandra Aparecida Miguel
Edição de Arte	Eva P. de Arruda Câmara José Ramos Néto Camilo de Arruda C. Ramos
Ilustração	Michele Iacocca

CENPEC

Rua Dante Carraro, 68 Pinheiros

05422-060 São Paulo SP

Fax: 11 3816 0666

e-mail: info@cenpec.org.br

<http://www.cenpec.org.br>

Realização



Apoio



Filatelia e Apoio Técnico



Material desenvolvido pelo
*CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM
EDUCAÇÃO CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA*